

Educação artística e a 'infirmati,' ou a fraqueza analógica

*Art education and 'infirmati':
on the analogical weakness*

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

Artigo submetido a 15 de maio 2016 e aprovado a 18 de maio 2016.

*Portugal, par académico interno e editor da *Revista Matéria-Prima*.

AFILIAÇÃO: Portugal, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Resumo: A educação artística atravessa paradoxos na sua essencialidade plástica: o desenho desapareceu do papel, substituído pelo ecrã. Proponho designar esta fraqueza analógica contemporânea por infirmati, meditando Ricardo de Saint-Victor (c.1123-1173) e Marshall McLuhan. Este é um contexto reflexivo em que se apresentam os 18 artigos que compõem esta edição, propondo um novo ângulo para mexer com a Matéria-Prima. **Palavras chave:** educação artística / analogia / infirmati / hot media.

Abstract: Art education is going through paradoxes in its plastic essentiality: the drawing disappeared from the paper, to be replaced on the screen. I propose to designate this contemporary analogy weakness as 'infirmati', meditating Richard of Saint Victor (c.1123-1173) and Marshall McLuhan. This a conceptual setting to present the 18 articles that constitute this issue, proposing a scope to mess with the raw matter of art education.

Keywords: art education / analogy / infirmati / hot media.

A educação artística passa por circunstâncias paradoxais, que se originam na sua essencialidade plástica: o desenho cada vez *é menos praticado no papel e cada vez é mais praticado no ecrã*.

A experiência plástica do corpo a corpo, da «afinidade» através da *convenientia*, da *aemulatio*, da analogia, e das simpatias (Foucault, 2014), pode já ser cada vez mais reduzida, ou mesmo residual.

Hoje a experiência digital antecede a experiência analógica desde a mais tenra idade, e este é um novo contexto que nos mostra águas desconhecidas. Haverá uma “fraqueza analógica” contemporânea? Como fundar uma experiência quando o digital já quase antecede o analógico, na educação e no desenvolvimento da criança? Como compreender o desconhecido com base no desconhecido?

Poderei designar esta fraqueza analógica contemporânea por *infirmiati*, ao recordar as palavras do escolástico Ricardo de Saint-Victor (c.1123-1173): “por causa de nossa fraqueza (*infirmiati*), que não pode compreender o alto pelo baixo, o espiritual pelo corporal, é necessário não tentar compreender o desconhecido pelo desconhecido, e sim pelo que é conhecido” (Franco Júnior, 2013).

Para McLuhan (1994) um meio ‘Cool’ é caracterizado pela baixa-saturação de informação, que permite que o espectador contribua no sentido final da comunicação. Trata-se de mais intensidade interpretativa, mais participação e mais interação.

Já um *hot medium* obriga a um sentido único interpretativo, saturado, e a participação é unidimensional: há pouca interação, pouco espaço para a imaginação ou sequer para alguma interação.

Também, nesta oposição *cool-hot*, pode existir uma súbita inversão, um ponto em que o arrefecimento se transforma no seu contrário, aquecimento, enfermidade ou, direi agora de novo, *infirmiati*.

Este processo de inversão de fase pode ser acompanhado no exemplo da tragédia grega: a *hybris* (McLuhan, 1994:38-39). Quando um personagem ultrapassa a dimensão humana, o seu limite (o *metron*), e deste modo desencadeia a *nemesis*, o ciúme dos deuses, a destruição pela tragédia.

Esta inversão de fase pode transformar rapidamente os media muito *cool* no seu oposto, em *hot*. Veja-se o modo como as auto-estradas, antes projetadas como suportes de velocidade e eficácia, tornam-se locais de congestionamento e de imobilidade urbana (McLuhan, 1994:38). O “aquecimento” pode conduzir ao sobreaquecimento e, inesperadamente, ao seu completo oposto.

Na transformação de um meio “frio” em “quente” pode apontar-se a televisão a hibridizar-se com o computador no jogo informático, com muita informação,

gráficos HD, e pouco espaço para uma verdadeira intervenção fora dos parâmetros previstos no programa do jogo. O jogo em alta resolução gráfica obriga “como o Führer”.

Se a experiência é agora muito digital, e desde muito cedo, assim se promove uma mudança ontológica e identitária de uma profundidade que ainda não podemos avaliar.

Toda a gente experiencia muito mais do que aquilo que compreende. Mas é a experiência, em vez do entendimento, que influencia o comportamento, especialmente em assuntos coletivos de média e tecnologia, onde o indivíduo está quase inevitavelmente desatento aos seus efeitos sobre si (McLuhan, 1994:318).

O arrefecimento dos média transforma-se no aquecimento pela inércia cognitiva. Aqui sentimos alguma necessidade de aprofundar, refletir e atualizar alguns dos paradigmas mais recentes, desde Paulo Freire (2014) que estabelece, como método, a leitura do mundo antes da leitura das letras, ou a pedagogia que integra a leitura da arte com a sua apreciação e produção (Barbosa, 2002), ou aquela que se debruça sobre o projeto crítico de leitura sobre os discursos culturais contemporâneos (Hernández, 2005).

Diga-se, no mínimo, que em Educação Artística, a Matéria-Prima complicou-se. Os 18 artigos aqui presentes dão um contributo vivo para uma reflexão, tanto sobre a sua operacionalização como sobre a sua concetualização, atenta às contradições e paradoxos, disponível para os novos contributos, as novas intervenções.

O dossier editorial presente nesta oitava edição da revista integra alguns contributos, artigos originais, por convite, a Margarida Calado e a Ana Pessanha.

Margarida Calado (Lisboa, Portugal), no artigo “Paradoxos da Educação Artística e Patrimonial” debruça-se nas edições populares dedicadas às artes, na forma de livros de bolso ou de edição económica, na época do Estado Novo. São assim analisados 3 livros: um de Diogo de Macedo (“Coleção para o povo e para as escolas”), outro, o livro XII do Plano de Educação Popular - *Roteiro da Arte Portuguesa*, da Campanha Nacional de Educação de Adultos [1953] e finalmente o livro de bolso de Flório de Vasconcelos (1972), a *História da Arte em Portugal* (Biblioteca Básica, Livros RTP).

Ana Maria Pessanha & Alda Leal (Portugal, Lisboa) no artigo “Experiências Expressivo-Pedagógicas promotoras de aprendizagens significativas de sucesso” apresentam uma atividade em que as máscaras são usadas como veículo plástico e expressivo numa turma de Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente do ensino básico.

Na secção de artigos originais a concurso seleccionámos 16 artigos provenientes de Portugal (10), Espanha (1), Brasil (4), Argentina (1).

Francisco Edilberto Moreira (Brasil, Pará), no artigo “Do papel ao tecido: processos criativos em artes,” aborda a pedagogia teatral através do figurino. Trata-se de uma experiência realizada na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

No texto “Ensino de Arte em escolas públicas e particulares de Porto Alegre: diagnósticos sobre o papel da disciplina na formação cultural jovem,” Celso Vitelli (Brasil, Rio Grande do Sul) procura-se uma avaliação da arte educação através de questionários a alunos dos 14 aos 18 anos, em sete escolas de Ensino Médio de Porto Alegre (tanto ensino público como privado).

Carla Reis Vieira Frazão (Portugal, Lisboa) no artigo “Desenhar no tempo em que os animais falavam” explora a ilustração de fábulas de Jean de La Fontaine, junto de turmas do 5.º ano, interligando conteúdos de Português e de Educação Visual.

O artigo “A importância do ensino das técnicas tradicionais na reabilitação, conservação e restauro de estuques decorativos em gesso-técnicas tradicionais e modernas” de Marta Frade (Portugal, Lisboa) aborda a exploração de técnicas construtivas na conservação e restauro de estuques junto de alunos do ensino secundário (via profissional), como uma vertente de inovação na educação artística.

Carla Metello Marques & Carla Gil (Portugal, Lisboa) no texto “Projeto: Sinestesias ‘mixed senses’: livro de Ilustração, Analógico&Digital” exploram um projeto didático faseado numa turma do 12º ano do Ensino Secundário, na disciplina Multimédia B, partindo de um livro de uma das professoras.

O artigo “Andar aos Papéis: (des)orientações criativas entre arte, infância e escola na contemporaneidade” de Mariana Delgado (Portugal, Porto) apresenta uma exploração junto de crianças do segundo ano de escolaridade, tomando como pretexto o papel (produção, transformação), procurando recuperar para a educação artística o seu espaço em perigo.

Mariza Barbosa de Oliveira (Brasil, Minas Gerais) no artigo “Brinquedos de papel: abordagem da Arte Contemporânea na educação básica” apresenta a exploração didática de duas propostas realizadas junto de turmas de 1º ano e 4º ano do Ensino Fundamental, a “Instalação de papel” e os “Pássaros-pipas”.

Em “Texto e Contexto sobre Práticas Artísticas: uma Proposta de Ensino Aprendizagem Desenvolvida no PARFOR”, Sonia Monego demonstra a interação entre um grupo de artistas (ADENTRO) e as atividades de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental.

Susana Contino (Portugal, Lisboa) no artigo “Faz da tua obra um livro: criação de livros de autor” introduz metodologias inovadoras (método *High Scope*,

ou aprendizagem activa) junto de alunos do 1º ao 6º ano de escolaridade interligando a Língua Portuguesa a expressão plástica, a expressão musical e a expressão dramática e Educação Visual e Tecnológica, integrando-se no projeto promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian «Escreve com as tuas palavras, ilustras com os teus desenhos, faz da tua obra um livro!»

O texto «Poética y subjetividades de la imagen: apropiaciones y articulaciones en la construcción de un lenguaje propio» de Susana Martelli (Argentina, Buenos Aires) apresenta o seu trabalho no âmbito da formação de futuros professores, na cátedra OTAV (Oficio y Técnica de las Artes Visuales) no Nivel I da Licenciatura y de la Formación Docente en Artes Visuales de la U.N.A, Universidad Nacional de las Artes de Buenos Aires.

Flavia Barbera (Itália, Bolonha e Portugal, Lisboa) em “Ensinar a ilustrar: o mundo da representação fantástica” apresenta uma experiência de operacionalização didática do ponto de vista de um estudante em formação como professor. A imaginação e a fantasia servem de interrogação e de motivação para as atividades de ilustração: uma ninfa pode ser moderna.

O artigo “O Artigo Ilustrado: a ilustração editorial nas aulas de Desenho do 10º ano” Mariana Perry da Câmara Vieira & Cristina Luísa Miranda Rito (Portugal, Lisboa) apresenta um interessante reposicionamento do TPC (Trabalho para Casa) e também uma adaptação entre o planeado (ilustração de contos) e o compromisso face ao contacto com a realidade da turma (ilustração de notícias on-line).

Em “Maestros crea(c)tivos” de Silvia Buset & Emma Bosch (Espanha, Barcelona) apresentam propostas didáticas desenvolvidas em unidades curriculares de Educação Visual e Plástica da Universidade de Barcelona, no curso de mestrado em ensino. Apresentam-se alguns exemplos de recursos y técnicas assim como a sua perspetiva transversal.

Luísa Duarte (Portugal, Lisboa), em “A magia dos números” mostra o desenvolvimento do tema da matemática no âmbito da UC de Oficina de Artes, junto de alunos do décimo segundo ano.

O artigo “S.O.S. Azulejo, trabalho de Módulo Padrão, desenvolvido no 7º Ano, na disciplina de Educação Visual, no âmbito do Projeto S.O.S. Azulejo” de Isabel Ribeiro de Albuquerque (Portugal, Lisboa) integra a educação patrimonial no currículo através da ligação com o projeto “SOS azulejo”, iniciativa do Museu da Polícia Judiciária, ao mesmo tempo que se propõem atividades de análise plástica fundamentada.

Luísa Cristina Dauphinet Barros & Margarida Paula Botelho Alexandre Morán (Portugal, Lisboa) no artigo “Flip Book’s: a visita do ‘Nutri-Ventures’ e o apelo à criatividade” traz a experiência do ensino das artes junto de uma turma

de alunos surdos, explorando uma experiência que procura recuperar o desenho manual em relação ao digital na concepção de um *flipbook*, em associação com profissionais da animação.

Começamos este texto por apontar as tensões que uma digitalização ambiental global pode introduzir na educação. Sabemos que a capacidade humana de compreender é reduzida quando comparada com o fluxo permanente recebido pelos sentidos.

O que se pretendeu salientar foi uma crise da experiência analógica, pois o digital reproduziu-se mais depressa, que nem corpo precisa de carregar. O código articulou-se como um vírus.

Se a experiência é jogada na digitalização, há dela efeitos sobre os indivíduos. Os efeitos da experiência são latentes, e resultam da sua permanência. E ao mesmo tempo a experiência situa-se abaixo do limiar da compreensão: assim falamos de coisas difíceis.

Referências

- Barbosa, Ana Mae (2002) *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva. ISBN: 8527300478.
- Foucault, Michel (1994) *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio d'Água ISBN: 9789727082407.
- Franco Júnior, Hilário (2013) "Similibus simile cognoscitur: o pensamento analógico medieval" *Medievalista* [Em linha], 14, [consult. 2016-06-15]. Disponível em URL: <http://medievalista.revues.org/344> DOI: 10.4000/medievalista.344
- Freire, Paulo. (2014). *Pedagogia do Oprimido*. 57ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hernández, Fernando (2005) "¿De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual?" *Educación & Realidade*. ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online) Universidade Federal de Rio Grande do Sul. 30(2):9 - 34 jul/dez 2005
- McLuhan, Marshall & Fiore, Quentin (2001) *The Medium is the Massage: an inventory of effects*. 9th edition. Berkeley, CA: Gingko Press ISBN-13: 978-1584230700